

Comentário

Ane Marlise Port Rodrigues,¹ Porto Alegre

Faz alguns anos, assisti a uma apresentação de Silvia Bracco sobre o ateliesscola acaia. Fiquei impressionada e encantada com a dimensão e potência do trabalho realizado de forma multidisciplinar e com uma equipe de educadores muito atenta aos sentimentos que circulam entre todos no ambiente da escola. A dedicada presença e a escuta apurada de Silvia, ao longo do tempo, mostram seus resultados no relato sobre o desenvolvimento do menino-dossiê. Oficina dos sentimentos. Fazeres e saberes que não se separam. Com base na escuta analítica, são desenvolvidos dispositivos clínicos que demonstram a capacidade sensível desses professores e a potência da escuta analítica enquanto instrumento de transformação de quem escuta e de quem é escutado.

Para esse menino negro, sem família, com questões de saúde mental e de gênero, vivendo em situação de pobreza e vulnerabilidade extremas, abandonado também pelo Estado brasileiro, que não tem políticas públicas específicas para crianças e adolescentes negros e negras, encontrar o ateliesscola acaia é como encontrar um bote salva-vidas em um mar de situações traumáticas e de desamparo. Como não ser afogado pela dor ou desistir de lutar? Como manter a esperança no devir?

Sempre impressiona a força da pulsão de vida e a esperança do encontro com algo de bom no outro e no ambiente, mesmo em situações muito adversas. K seguiu regularmente vinculado e buscando sentidos de vida no acaia. O fato de um menino negro, sem família e pobre insistir em seu direito de viver e ser cuidado mostra, além de sua tragédia pessoal e das infâncias e adolescências negras em nosso país, a força de uma raça, do povo preto e brasileiro. A população negra no Brasil segue viva e pulsante, estando na base da construção econômica e cultural do Brasil desde o século 16, apesar das tentativas persistentes de seu extermínio.

Entre 2021 e 2023, o Brasil registrou morte violenta intencional de pelo menos 15.101 crianças e adolescentes, com média de 13,5 mortes por dia. Jovens negros do sexo masculino perfazem a maior parte das vítimas. A faixa de 15 a 19 anos é a mais vitimada. Garotos somam 92,4% das mortes, e meninas são 7,6%. E 83,6% dos jovens mortos são da raça negra, contra 16% da raça branca (Unicef, 2024). K ficar aterrorizado por ter de sair compulsoriamente

1 Médica. Membro titular com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPDEPA). Psicanalista de crianças e adolescentes pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Atual coordenadora do Projeto Ubuntu da SBPDEPA.

de seu abrigo aos 18 anos tem o mais absoluto sentido. A morte por assassinato pode estar muito perto.

Espaços como o ateliescola acaia salvam vidas de forma muito digna, conferindo uma humanidade negada a essas pessoas. A expressão artística que envolveu o professor e o menino K, ao fazer uma relação de corpo e alma, o resgatou para sonhar outros futuros.

Crianças negras rejeitadas

A pesquisa de Virgínia Bicudo sobre “Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor de seus colegas” (1955) mostrou que escolares negros eram mais rejeitados pelos colegas do que os brancos e os japoneses. Ao adentrar nas casas dos alunos mais rejeitados, vistos como ruins, briguentos, malcriados, malcomportados, agressivos, vagabundos, desobedientes, teimosos, a autora observou:

Os dados referentes à organização do lar e ao ajustamento da personalidade dos pais evidenciam situações traumatizantes e desfavoráveis para o desenvolvimento psíquico da criança. A ilegitimidade, a promiscuidade, a orfandade, o alcoolismo, a separação dos pais, a hostilidade entre os pais e destes para os filhos foram as situações encontradas. (p. 264)

É trágica a constatação de que essa observação de Virgínia Bicudo sobre a realidade dessas crianças, em 1955, siga a mesma em 2025. Sem o enfrentamento vigoroso e urgentíssimo do racismo estrutural (Almeida, 2018), da violência de raça, gênero e classe em nosso país, essas infâncias e adolescências seguirão no desamparo e na linha da morte.

Em outro trecho da mesma pesquisa, Virgínia Bicudo diz:

Segundo informações da professora, a escolar mostrou dificuldade para aprender por ser agressiva e delatora. Sabendo que a aluna era órfã, passou a dar-lhe carinho e apoio, obtendo melhoras na conduta da aluna. Em outras palavras, a professora afirmava que a escolar, sentindo-se aceita, perdia o motivo de sua agressividade. (1955, pp. 266-267)

Essa professora, intuitivamente, levava em conta a equação etiológica descrita por Freud (1905/1972), em que fatores constitucionais se somam às vivências infantis e a fatores acidentais da vida. Mas acrescentava outra coisa: sua presença viva no momento presente, um novo objeto que imprime uma nova marca no psiquismo da menina.

O atual como puro presente

Janine Puget (2010), ao considerar o lugar do mal-estar a que chamamos atual, diferencia o atual enquanto representações do passado e o atual como puro presente, ou seja, o que se registra como resultado do efeito de presença. Afirmar que representações e apresentações não coincidem. O que se apresenta não tem antecedentes, e cada período histórico-social cria seu atual. Uma das descontinuidades da qual se ocupa refere-se à descontinuidade entre o passado, as explicações históricas, e a força do atual, enquanto uma nova presença, algo que não existia antes.

A autora parte do pressuposto de que os instrumentos teóricos válidos para uma época somente cobrem um aspecto de nossa tarefa. O que vem a partir do atual desafia o nosso saber. Observa que também se ocupou das temporalidades em que o presente está incluído, pois abre numerosas bifurcações e põe em atividade a capacidade de escolha, a subjetividade constituída no fluir da vida, a incerteza e o contexto social enquanto outro que se impõe no presente, sem história prévia nem relação com o passado infantil.

Considero que o ateliescola acaia, através do trabalho de equipe e do professor de artes com K, inaugura para esse menino um presente que quebra uma continuidade com seu passado, abrindo-lhe possibilidades antes impensáveis. No fluir da relação que se estabelece entre os dois, com sensibilidade e tato psicológico (Ferenczi, 1928/2011), vai sendo possível ao menino criar uma vida onírica, fantasiar e brincar. Foi respeitado em seu ritmo e tempo, sem intrusão ou pressa, vivendo provavelmente uma experiência emocional radicalmente nova, inusitada e surpreendente.

O desenvolvimento e eficácia de uma escuta analítica em outros dispositivos, que não a sessão de análise, é uma das constatações do trabalho em equipe no acaia. Kupermann (2010) aponta que a ética do cuidado em psicanálise pode ser pensada como uma ética da afeição, em que o compartilhamento de vivências criativas entre o analista e o analisando assume a dianteira do compromisso técnico, pela via sensível da elaboração na experiência intersubjetiva. No trabalho do professor com o menino K, temos a aplicação da ética do cuidado em outro dispositivo, com vivências criativas na experiência intersubjetiva.

Descreve-se que o público do ateliescola vem de duas favelas e de um conjunto de moradias populares próximo ao Ceagesp, maior entreposto de distribuição de alimentos da América Latina. Um lugar de passagem, onde ocorre tráfico de drogas, violência e exploração sexual de crianças. Que esse lugar de passagem, permeado pela violência e pelo contraste entre a fartura de alimentos e a fome e a miséria (nossa desigualdade social cotidiana), encontre no acaia um lugar de travessia para o abastecimento emocional/afetivo,

possibilitando transformações psíquicas em várias pessoas, é de uma importância fundamental. O menino-dossiê teve a sorte e a oportunidade de encontrar alimento para sua alma e sua psique machucadas e vem se nutrindo, segue com esperança.

Errância, pés desertificados e uma capa de imperador

A criação da capa de K, juntando seus retalhos, fraturas do eu, faz lembrar Arthur Bispo do Rosário. Artista plástico sergipano, com diagnóstico de esquizofrenia, residiu em diversas instituições psiquiátricas por quase 50 anos. Esse homem negro foi pintor, artista visual, tapeceiro, bordador e artista têxtil. Falecido aos 78 anos, em 1989, na Colônia Juliano Moreira (RJ), recebeu a Ordem do Mérito Cultural em 2009. Sua figura se insere no debate sobre insanidade e arte, sobre preconceito e racismo no Brasil, o que leva muitas pessoas negras ao cárcere, ao manicômio ou à morte. Uma de suas obras mais famosas é o Manto da Apresentação, o qual deveria vestir no dia do Juízo Final. O manto foi criado a partir de um velho cobertor, com linhas e cordas, e tem bordados com símbolos, palavras e nomes de pessoas importantes em sua vida. Representa a síntese de sua obra, que buscava a criação de um novo mundo e a apresentação da Terra a Deus.

Bispo do Rosário criou um universo lúdico de bordados, estandartes e objetos durante um período em que a psiquiatria utilizava amplamente a lobotomia e a eletroconvulsoterapia para tentar controlar os surtos psicóticos. Conseguiu contornar os mecanismos de poder no hospital e utilizou para criar suas obras todos os materiais que encontrava. Guiado pelas “vozes”, criou um universo paralelo, feito para Deus, conforme nos conta Carneiro (2015).

Emiliano de Camargo David (2024) é uma das vozes na atualidade que vêm debatendo o destino trágico de pessoas negras com problemas psíquicos que são colocadas na prisão ou em manicômios, sem um atendimento humanizado. Com larga experiência no Sistema Único de Saúde (sus), ele reforça a necessidade de fortalecer o sus, o atendimento ambulatorial e nas próprias moradias e comunidades dos pacientes, reconstruindo e reforçando vínculos afetivos e estruturais a partir da relação entre todos.

O trabalho realizado no acaia também pode ser pensado como um trabalho de prevenção para que meninos como K não acabem na prisão, no manicômio ou na morte. O manto, com seu imaginário de poder e magia, pode abrir novos mundos ainda nesta nossa Terra e nesta vida. É possível sentir-se um imperador!

No projeto Psicanalistas que Falam (2024), com a direção de Heidi Tabacof, Emiliano de Camargo David diz que o setting para o atendimento,

mesmo fora da sala de análise, está na transferência que se estabelece na relação. Ele vincula a escuta com a capacidade de fazer corpo e acolher ao conectar-se verdadeiramente com aquele que sofre, criando-se uma intimidade que não tem a ver com a técnica em si mesma. É da ordem da relação de corpos, mentes e almas naquele momento presente, configurando uma relação de respeito entre sujeitos e legitimando a cidadania de cada pessoa necessitada.

Ao mesmo tempo, os abrigos por onde andou K, desde os seus 6 meses, permitiram sua sobrevivência, mas não sua existência enquanto uma representação psíquica de quem sou eu neste mundo. Percebe-se aqui a falha da função de abrigar dos abrigos. Silvia nos conta da dificuldade do menino ao grafar o próprio nome, revelando marcas de uma identidade fraturada. Cita também a fala de Marcelo Viñar sobre a gravidade quando a pergunta sobre quem eu sou é silenciada e apagada. No acolhimento do acaia, já havia o desejo da equipe de saber quem era K ou C, o menino do dossiê, o menino da papelada. Ele pôde sentir que importava às pessoas à sua volta.

Silvia nos apresenta Arturo, o professor responsável pelo ateliê de artes, que passava pela quadra da escola quando cruzou com K, que perambulava pela escola, levando sua mala de rodinhas, como um viajante, vagando solitariamente. Vemos as rachaduras nas solas dos pés, os ferimentos e a descrição poética do professor ao apresentar, nos pés desertificados, os sinais de uma errância. Mas seu olhar guardava uma incandescência incomum, nos diz Arturo. Vai observando como quem observa o bebê e a criança do menino K, em seu desamparo e na busca de amparo e continência (mesmo quando evacua ou se esfrega pelo chão, quando mais desorganizado emocionalmente). O professor pode ver um K observador como ele mesmo, com um olhar para longe. Nesse ponto me perguntei qual seria a raça do professor, se branco ou negro. Naturalmente um professor branco pode ter toda essa sensibilidade, mas se for negro vai tocar mais fundo, em outros lugares, em dores que um professor branco não enfrenta em seu dia a dia, em sofrimentos gerados pelo racismo e pela discriminação vividos por toda pessoa negra em nosso país, independente da classe social e do grau de instrução, conforme comprovou Virgínia Bicudo em sua dissertação de mestrado *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo (1945/2010)*.

Na história do Brasil, temos que os negros só puderam usar sapatos livremente após a abolição da escravatura (uma pseudoabolição), em 1888. Durante o período escravocrata, andar descalço era um símbolo da condição de escravizado e andar calçado era visto como uma falta de respeito aos que se consideravam superiores, os brancos. Quanta dor ancestral e transgeracional nessas rachaduras nos pés descalços de K! E, ao mesmo tempo, K contém a força do caminhar, andar, correr dos escravos em busca de liberdade e de vida mais digna, desde Zumbi dos Palmares até os movimentos negros pelo Brasil afora, nos quais também se destaca a força das mulheres negras. Não

esqueçamos que a primeira lei brasileira (Lei n. 1, de 1837) proibia os negros de estudar. E, ainda assim, encontramos posições contrárias à Lei de Cotas Raciais/Sociais nas universidades públicas a partir de 2012. K tem uma escolaridade precária, comum a grande parte da população brasileira pobre e negra.

É bonita a imagem que Arturo apresenta em relação à piscina para a qual K gosta de olhar e que surge depois de traçar com giz um caminho por onde anda, pelo pátio da escola: um grande olho no qual se pode mergulhar, uma poça quente onde a luz se espelha – na fala criativa do professor. Acrescentaria a imagem de uma água transatlântica, um olhar que busca de onde veio, sua origem, o porquê de sua errância. Winnicott (1971/1975) nos fala do olhar da mãe como o primeiro espelho onde o bebê pode ou não se enxergar ou se perceber visto por ela. Arturo oferece a K um espelho para olhar-se ao ser olhado.

Pôde então criar sua grande e longa capa e, ao trajá-la, olhava iluminado o percurso que fazia. Foram belos momentos!

Mas a entrada no ensino fundamental 2 foi marcada por apatia e tristeza. Temores de rejeição e de descontrolar-se voltavam fortemente. Figuras de referência permanentes foram articuladas para sua proteção e amparo. A escola em turno integral é de fundamental importância, por tirar essas crianças da insegurança alimentar e dos riscos da exposição a violências variadas. Já podia sentir tristeza com suas crises. Começava a ir atrás de sua história através da leitura de seus prontuários da Vara da Infância e do Centro de Atenção Psicossocial. Deseja pensar em seu futuro, mas como dar conta sozinho, ao ter de sair do abrigo aos 18 anos? Como escapar da morte por assassinato de tantos jovens negros? Revisita os maus-tratos dos pais adotivos e o ato de matar o cão da casa para ser devolvido ao abrigo.

“Esse não é o seu lugar” e o autorretrato

A desorganização psíquica que se segue a uma fala habitual das professoras, durante a organização dos lugares de cada aluno na classe, foi de grande intensidade. Qualquer estrutura egoica frágil poderia se desorganizar, mas o trauma do desenraizamento em nossa população negra já vem desde a África. “Esse não é o seu lugar” pode transcender a esfera do individual e atingir toda uma população traumatizada pela exclusão das condições de uma vida digna, cujas dores também estão em K. Quando, na Federação Brasileira de Psicanálise, vemos que 98% dos psicanalistas são brancos (Carneiro et al., 2021), não estamos dizendo aos colegas negros que “esse não é o seu lugar”?

Encontrar um colo onde se aninhar salva vidas. A expressão aquilombar-se, para os grupos e coletivos de pessoas negras, diz respeito a tirar do viver solitário, reforçando os laços sociais que aumentam a narcisação do eu, dando

forças para a grande e constante batalha pela vida em um país tão desigual e racista. Em geral, é mais frequente o suicídio do jovem negro que fica solitário e sem laços sociais e afetivos de apoio e solidariedade.

O autorretrato de K torna-se possível pelos laços que buscou e encontrou dentro do ateliescola, lugar físico e simbólico de sua construção como pessoa real, onde encontrou uma equipe que se importou verdadeiramente com seu sofrimento e investiu nele muito saber e amorosidade. E observem que também o corpo dos professores entra em cena, numa entrega de corpo e alma. O mesmo afeto e amorosidade que Silvia demonstra com sua escuta analítica, que sabe ser K um sujeito do inconsciente e de seus traumas, mas que busca novos caminhos ao andar.

Enquanto K faz seu autorretrato, segue a presença do professor que olha e cuida. Na figura desenhada, temos olhos que parecem dois sóis brilhando e temos a assinatura do artista. A errância e o desamparo já não são o todo.

Para finalizar, quero parabenizar e agradecer à nossa colega Silvia Bracco por esse belo, necessário e emocionante trabalho. As clínicas públicas desejadas por Freud para dar acesso ao atendimento de base analítica aos desfavorecidos encontram no ateliescola acaia um espaço de excelência. Atualmente, em muitos lugares do Brasil, a escuta dos sofrimentos emocionais também vem ocorrendo em comunidades e periferias, em seus próprios territórios, por profissionais ou lideranças dispostas a escutar. Não seriam esses espaços desdobramentos das clínicas públicas, onde se requer o olhar da psicanálise, conforme nos sinaliza Emiliano de Camargo David (2025)?

Parabéns ao professor Arturo e a toda a equipe que luta diariamente para que crianças e adolescentes como K tenham um presente e um futuro que saiam da repetição do traumático, com novos mundos, acolhedores, constantes e confiáveis, onde possam ser cuidados, brincar, estudar e ter oportunidades de desenvolver o potencial de vida, um direito de todo ser humano.

Referências

- Almeida, S. (2018). *Racismo estrutural*. Pólen.
- Bicudo, V. L. (1955). Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor de seus colegas. In R. Bastide & F. Fernandes (Orgs.), *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo* (pp. 227-310). Anhembi; Unesco.
- Bicudo, V. L. (2010). *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* (M. C. Maio, Org.). Sociologia e Política. (Trabalho original publicado em 1945)
- Carneiro, A. B. F. (2015). O original e o singular no Bispo do Rosário. *Reverso*, 37(69), 25-34.
- Carneiro, C., Frausino, C. C. M. & Amendoeira, P. (2021). Analistas criam grupos de pesquisa em psicanálise e equidade racial. *Boletim Informativo da Sociedade de Psicanálise de Brasília*, 24(1), 1-2.

- David, E. C. (2024). *Saúde mental e relações raciais: desnorteamento, aquilombação e antimanicolonialidade*. Perspectiva.
- David, E. C. (2025, 30 de agosto). [Participação na mesa “Travessias do trauma”]. Jornada 2025 da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, *Metapsicologia do trauma*, Porto Alegre, Brasil.
- Ferenczi, S. (2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 4). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Kupermann, D. (2010). A via sensível da elaboração: caminhos da clínica psicanalítica. *Cadernos de Psicanálise: CPRJ*, 32(23), 31-45.
- Psicanalistas que Falam. (2024, 8 de dezembro). *Episódio #13 Emiliano de Camargo David* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/cSoYkkuSoK0>
- Puget, J. (2010). Os dispositivos e o atual. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(2), 35-43.
- Unicef. (2024). *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*. Unicef; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. <https://tinyurl.com/3pdz88pk>
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Recebido em 8/9/2025, aceito em 15/9/2025

Ane Marlise Port Rodrigues
anemprodrigues@gmail.com

doi: 10.69904/0486-641X.v59n3.16